

Os Afetos na Fenomenologia do Corpo de Michel Henry The Affections on the Phenomenology of Michel Henry Body¹

Renato Garibaldi Mauri²

Resumo

Este artigo visa estabelecer as aproximações de Henry a Biran, mas também aos distanciamentos, elaboradas a partir de autores que corroboraram para a constituição da teoria dos afetos, como Espinosa. Para Henry as duas características essenciais da vida são: “imanência e a afetividade”. Este artigo se propõe evidenciar a análise de Henry em Biran, não ignorando a influência da teoria dos afetos em Espinosa, algo primordial para a questão da alteridade. A Fenomenologia Material designa a singularidade do pensamento de Michel Henry. Ele atribuiu à fenomenologia, a elucidação no aparecer do que faz dele um aparecer, da matéria fenomenológica da qual é feito, do que faz esta matéria, que não é nada mais que a carne patética de nossa vida³.

Palavras-chave: Afetividade. Fenomenologia do Corpo. Michel Henry.

Abstract

This article aims to establish the approximations of Henry the Biran, but also to alienation, compiled from authors who made for the constitution of the theory of the affections, as Spinoza. For Henry the two essential characteristics of life are: "immanence and the

¹ Artigo apresentado no Congresso Internacional da Faculdades EST – São Leopoldo – Rio Grande do Sul – Resumo estendido.

² Doutor em Atividade Física, adaptada e saúde (Ênfase em Filosofia do corpo - UNICAMP). Estágio de pós doutorado em Louvain La Neuve e na Universidade do Porto. Docente do UNASP – Engenheiro Coelho – áreas de filosofia, sociologia e antropologia. Autor contratado pela CPB – fascículos de sociologia.

³ - HENRY, Michel. La fenomenologia Radical, la questão de Dios y el problema del mal. Buenos Aires: Encuentro, 2013.

affectivity". This article aims to highlight the analysis of Henry in Biran, not ignoring the influence of the theory of affections in Espinosa, something essential for the issue of otherness. The Phenomenology Material means the uniqueness of the thought of Michel Henry. He attributed to phenomenology, the elucidation in appear than makes it a appear, in the phenomenological perspective of what is done, what makes this matter, which is nothing more than the meat pathetic in our life.

Keywords: Affectivity. Michel Henry. Phenomenology of the Body.

Considerações Iniciais

Para Henry, a vida é a essência, a matéria primordial de toda “manifestação originária”⁴. Logo para o filósofo francês, toda a impressão acontece na vida, e esta se faz na carne viva na impressão do sentir. Com isso Henry propõe uma inversão fenomenológica.

A fenomenologia da Vida mostra que a doação afetiva não é um simples efeito da Vida em nós: no poder em que somos investidos na experiência como este si efetivo que sou, um si que é por isso pessoa e enquanto tal tornando-se ele mesmo possibilidade efetiva de ação. O afeto não pode ser visto como efeito de uma causa, pois ele é a matéria fenomenológica da Vida na qual sou investida neste corpo vivo, no qual sou possível e por isso não me posso libertar dele. A vida é irrepresível, nas modalidades do sofrer e do fruir: investimos numa ou outra modalidade; operamos a passagem de uma à outra, nesta trama interna em que todas as relações se tecem. O sofrimento não é um afeto causado por um acontecimento estranho ao si, mas revela este modo originário de eu ser nesta situação concreta em que me encontro.⁵

Aproximações em Maine de Biran

O mérito de Biran consiste em elaborar, não uma filosofia da ação por oposição a uma filosofia da contemplação ou do pensamento, mas uma teoria ontológica da ação, e sua

⁴ Henry, Michel. *L'essence de la manifestation*. Paris: Épipiméthée, PUF, 2011pg222.

⁵ HENRY, Michel. *Genealogia da psicanálise o começo perdido*. Apres. Florinda Martins. Trad. Rodrigo Vieira Marques. Curitiba, PR: Editora UFPR, 2009p27.

originalidade não está no fato de determinar o cogito, eu posso, como ação ou movimento, mas no aspecto de que o ser desse movimento, dessa ação é o de um cogito. Biran define o homem como corpo – e a crítica dele se dirige ao empirismo e ao racionalismo. Empirismo – incapaz de conhecer uma teoria -monismo ontológico (postula que nada pode ser dado a não ser no interior e pela medição do horizonte do ser em geral , não está de posse de uma ontologia da subjetividade. E o Racionalismo, para Biran é todo o conhecimento que deriva da experiência, pois a condição de possibilidade da experiência é ela mesma uma experiência. (Fenomenologia do corpo) Logo, as ideias reflexivas são categorias – experiência específica - que não se empobrecem quando a extensão aumenta⁶.

Porém Michel Henry, assim como se aproxima, também se distancia ao dizer sobre o pensamento de Maine de Biran , “ Nosso corpo é antes um corpo vivo ...em virtudes de suas características essência e região autônoma – Não pode ser confundida com uma extensão como a cartesiana... diante do problema da passividade , diante da “ausência de uma teoria ontológica positiva da passividade” .e com isso se aproxima das concepções relatadas em “A Felicidade de Espinosa” e em “Eu sou a verdade”. O livro “Encarnação”, segundo Martins, prolonga as teses de Biran do corpo subjetivo á filosofia da carne.

A afetividade na Fenomenologia Material

A Afetividade, como foi descrito anteriormente, faz parte de uma das essências fenomenologia da vida . “Em “Recuperar o humanismo”⁷. mostra que Henry, compreende o humano, que perdeu a afecção primordial da vida, e restaura a dimensão constitutiva de si em construções transcendentais distantes desta doação afectiva em si de si” . Espinoza contribui de forma significativa para a compreensão de Henry no que diz respeito aos afetos, principalmente na “Ética”, pois relaciona a natureza dos afetos, sua a força dos afetos, os encontros e os gêneros de conhecimento. Henry faz uma análise desses quesitos na sua primeira obra, de nominada “Le Bonheur de Spinoza⁸”(1942/1943). Ao analisar a obra se percebe alguns conceitos convergentes entre Henry e Espinosa .

⁶ HENRY, Michel. Filosofia e fenomenologia do corpo: ensaio sobre a ontologia biraniana. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: É Realizações Editora, 2012.

⁷ MARTINS, F. Recuperar o Humanismo - Para uma fenomenologia da alteridade em Michel Henry. Principia, Publicações Universitárias e Científicas: Cascais,2005.

MARTINS, F. Recuperar o Humanismo - Para uma fenomenologia da alteridade em Michel Henry. Principia, Publicações Universitárias e Científicas: Cascais,2005.P 13.

⁸ A Felicidade de Espinoza é o trabalho de fim de curso de filosofia de Michel Henry, realizado durante o ano de 1942/43, sob orientação de Jean Grenier. Este trabalho foi publicado na Revista de Filosofia e da história geral da história em Julho – Dezembro de 1944, com alteração do título de A felicidade de Espinoza para A

“A teoria dos afetos na “Ética” retrata que o “affectus” é usado filosoficamente em sua maior extensão e generalidade, porquanto designa todo estado, condição ou qualidade que consiste em sofrer uma ação sendo influenciado ou modificado por ela”⁹ Abbagnano . Implica, portanto, em uma ação sofrida. O termo afeto exprime a transição de um estado a outro, alegria (afetos ativos) ou tristeza (afetos passivos), através do “conatus”, potência, logo alta potência, transmite alegria, baixa potência a tristeza, essa alteração perpassa no corpo afetante e no corpo afetado, em um processo contínuo da existência. Para ocorrer o afeto no entanto, é necessário os encontros inevitáveis na vida, com seres animados e inanimados, e através desses encontros eu tenho alegrias e tristezas, alta ou baixa potência. Assim, podemos compreender que somos o resultado dos afetos nos encontros do processo de existência na vida, aspecto essencial para explicar e não justificar, o ser humano. A potência, “conatus” se relaciona com o “pathos”(paixão), no corpo afetado, como no corpo afetante, alterando significativamente a potência de agir.

Henry ao pesquisar o texto da “Ética” de Espinosa, analisa os três “gêneros de conhecimento”, a saber: o primeiro gênero, a representação ou o imaginário, o segundo gênero, a racionalização, e o terceiro gênero, a beatitude. Em seu desenvolvimento o ser humano evolui do primeiro ao terceiro gênero. Por isso a “representação” e a “intencionalidade” na fenomenologia da vida são categorias da afetividade.

“A primeira tese é a definição do ego como representar : eu sou enquanto me represento. A segunda afirma que é justamente como re – presentar que o ego está certo e seguro de si, e isso porque sustenta firmemente a si próprio nesse ato pelo qual se põe diante de si . Na medida em que o ego se representa na segura e estável determinação do representar , nasce a certeza em conformidade com o qual o si é trazido para diante de si mesmo”. Para Descartes , a representação nunca propõe a verdade , o que ele denomina realidade formal, mas somente a realidade objetiva da ideia, a saber, uma imagem da realidade, um duplo uma cópia um equivalente irreal que figura a realidade, que remete a ela, mas não é ela. “O que advém na representação é, de uma só vez , o outro e o irreal, ou seja, o

felicidade em Espinoza, por imposição dos diretores da revista. Em 1997, é editado pelo Centre d'études Michel Henry, Beirute por jad Hatem. Em 2004, a PUF editora, reedita com a tese de doutoramento de Jean – Michel Longneaux, sobre a felicidade de Espinosa. (Martins, 2005)

⁹ Henry, Michel. A felicidade de Espinosa. Tradução de Florinda Martins. In: MARTINS, F.; A felicidade, - Fenix Renascida do Niilismo, pela Mathesis, em 2005. Obra organizada por Florinda Martins e Olga Lourenço.p 43

contrário do ego cartesiano, a saber, o si mesmo que traz em si a realidade e a define”¹⁰.

...O Si projetado na representação e representado nela é justamente apenas um si – representado, não o si real que projeta e põe diante de si, mas um si irreal, co – objetado no horizonte da representação como aquilo que acompanha todo objeto, porquanto este objeto tem a significação do ser como tal, lançado diante de si, nele, nos domínios de si... O Si representado é possível apenas a partir do si real e como simples representação, sua projeção. Mas por outro lado não é este si irreal que é afetado: nada irreal, nada representado nunca numa forma o lugar de uma afecção possível, mas somente o que se auto afeta originalmente em si mesmo: o Si real, o Si vivo.

Desta forma podemos verificar que na fenomenologia da vida a representação não é primordial ou essencial, mas é uma categoria da afetividade. A representação se faz diante da imanência e da afetividade, possui aspecto de categoria da afetividade, Pois para Henry, “o pensamento é afetivo”, diante deste conceito, entendemos o motivo de Henry em criticar a teoria cartesiana, pela “ausência de uma teoria transcendental da afetividade”¹¹. Sendo assim o primeiro nível, consiste em devolver o afeto tal como se recebe, se o afeto é transmitido com raiva é devolvido com a mesma agressividade, logo o ser afetado pode se tornar manipulado ou estereotipado diante das reações pretendidas e transmitidas ao outro, de acordo com certa previsibilidade, isso prefigura o estágio imaginário ou representacional. Já o segundo gênero, a racionalização, o afeto é racionalizado, ponderado, e refletido, porém o ser ainda é afetado, podendo ser condicionado. É possível, interpretarmos, o terceiro nível, a beatitude, através da obra de “Eu sou a verdade” e “Palavras de Cristo” de Michel Henry. A análise consiste na compreensão de que o afetado devolve o afeto que o outro precisa e não o devolve da mesma forma que recebe, pois é ciente que o próximo é o resultado dos encontros nos afetos que teve no processo de existência. A felicidade de Espinosa, reside em compreender o pleno significado do afeto recebido e transmitido nos encontros na “auto – afecção” com a vida

Considerações Finais

¹⁰ Henry, Michel. Genealogia da Psicanálise: o começo perdido. Tradução de Rodrigo Marques. Apresentação de Florinda Martins. Curitiba: UFPR, 2003. p. 121.

¹¹ Henry, Michel. Filosofia e fenomenologia do corpo: ensaio sobre a ontologia biraniana. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: É Realizações Editora, 2012. p.176

A “auto afecção”, tem importância crucial no essencial da vida, designa a essência de si ou como ele cita a essência do espírito. É a invisibilidade, que se prefigura em uma imanência radical, que se situa na experiência da afetividade, essência original do “Logos”. O ser dá –se como afeto, pois é enquanto afeto que originalmente nos é dado prova - lo . A afetividade é primordial para se chegar a invisibilidade, na dor, na fome, na tristeza, na alegria, na arte, na expressão de si. “A afetividade é a essência originária da revelação, a autoafecção fenomenológica do ser e seu surgimento primeiro”¹². A imanência e a afetividade estão explícitas em toda a obra de Michel Henry, inclusive na relação da “carne” onde se prefigura tanto o visável quanto o invisível da vida, em sua plena subjetividade corporal. O corpo faz parte da essência do ser, a vida perpassa pelo corpo em toda a complexidade da subjetividade, na comunicação de minha afetividade do meu corpo para o outro corpo, diante da incorporação dos sentidos, em uma abertura transcendental de si, no envolvimento da plenitude da vida, como na alteridade. Este “fundo comum”, a imanência, na constituição dos afetos pelo corpo, reside na a alteridade, na compreensão do co – pathos, sem ignorar a ipseidade¹³.

A possibilidade da valorização do encontro com o outro, a compreensão do olhar que busca o próximo no processo da visualização do outro, está a relação da vida, em seu fluxo permanente, na caracterização do humano. Afinal a constituição da humanidade permanece no denominador comum na compreensão da essência da vida, inclusive no que diz respeito aos refugiados, aos despatriados, aos necessitados, aos indigentes, ao outro na vida...pois o egoísmo leva o distanciamento de si. A potência e o ato em relação a alteridade se faz em motricidade a partir da percepção da vida na preponderância da observação daquilo que é comum na humanidade, a afetividade e a imanência.

Referências

ABBAGNANO, Nico. Dicionário de filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CARDIM, Leandro Neves. Corpo. São Paulo:Globo, 2009.

¹² Artigo de Martins, Florinda. Humanística e Teologia, Tomo XXXV Fascículo 2. Porto: Universidade Católica Editora, 2014p.166.

¹³ Henry, Michel. Genealogia da Psicanálise: o começo perdido. Tradução de Rodrigo Marques. Apresentação de Florinda Martins. Curitiba: UFPR,2003.

HENRY, Michel. A felicidade de Espinosa. Mathesis: Lisboa, 2005. Tradução de Florinda Martins. In: MARTINS, F.; A felicidade, - Fenix Renascida do Nihilismo. Obra organizada por Florinda Martins e Olga Lourenço.

- _____. Encarnação: por uma filosofia da carne. tradução de Florinda Martins. Lisboa: Circulo de Leitores, 2001.

MICHEL, Henry. Eu sou a verdade: para uma filosofia do cristianismo. Tradução de Florinda Martins Lisboa: Vega, 1998..

_____. Fenomenología de la vida. Trad. Mario Lipsitz.1. ed. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2010.

_____. O que é isto a que chamamos vida?. In: MARQUES, Rodrigo Vieira, MANZI FILHO, Ronaldo (Orgs). Paisagens da fenomenologia francesa. Trad. Rodrigo Vieira Marques. Conferência pronunciada na Universidade de Québec em Trois-Rivières, em primeiro de novembro de 1977. Curitiba: Editora UFPR, 2011.

_____. Fenomenología material. Trad. Javier Teira y Roberto Ranz. Madrid: Ediciones Encuentro, 2009.

_____. Filosofia e fenomenologia do corpo: ensaio sobre a ontologia biraniana. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: É Realizações Editora, 2012.

_____. Genealogia da psicanálise o começo perdido. Apres. Florinda Martins. Trad. Rodrigo Vieira Marques. Curitiba, PR: Editora UFPR, 2009.

_____. Indicações biográficas: entrevista de Michel Henry com Roland Vaschalde. Trad. Rodrigo Vieira Marques. In: MARQUES, Rodrigo Vieira; MANZI FILHO, Ronaldo (Orgs.). Paisagens da fenomenologia francesa. Curitiba, PR: Editora UFPR, 2011, p. 215-224.

- _____. La fenomenologia Radical, la cuestión de Dios y el problema del mal. Buenos Aires: Encuentro, 2013.

_____. L'essence de la manifestation. Paris: Épipiméthée, PUF, 2011.

_____. Morte dos Deuses. Vida e Afetividade em Nietzsche. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1985.

Marques. Conferência pronunciada na Universidade de Québec em Trois-Rivières, em primeiro de novembro de 1977. Curitiba: Editora UFPR, 2011.

_____. Palavras de Cristo. Trad. Carlos Nougué. São Paulo: É Realizações Editora, 2014.

MARTINS, F. Recuperar o Humanismo - Para uma fenomenologia da alteridade em Michel Henry. Principia, Publicações Universitárias e Científicas: Cascais, 2005.

Martins, F. O que pode um corpo? Lisboa: Universidade Católica Editora, 2010

MARQUES, Rodrigo Vieira, MANZI FILHO, Ronaldo (Orgs). Paisagens da fenomenologia francesa. Curitiba: Editora UFPR, 2011.

MARTINS, Florinda. Apresentação. In: HENRY, Michel. Genealogia da psicanálise: o começo perdido. Curitiba, PR: Editora UFPR, 2009, p.09-33.

_____. Afeição e filosofia primeira: relação entre fenomenologia e ciências da vida Florinda Martins. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v26n3/1678-5177-pusp-26-03-00364.pdf>

_____. Michel Henry: beatitude e fenomenologia. Revista Portuguesa de Filosofia, Portugal, Fasc. 4, Filosofia & Cristianismo: II - Efeitos Pós-Modernos, 2004. Disponível em <http://www.jstor.org/discover/10.2307/40337870?uid=3737664&uid=2&uid=4>

_____. Artigo em Humanística e Teologia, Tomo XXXV Fascículo 2. Porto: Universidade Católica Editora, 2014

SPINOZA, Benedictus. Ética. Trad. Tomaz Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

UMBELINO, Luís António Ferreira Correia. Tese: Apercepção de si e Corpo em Maine de Coimbra2007.Disponível em:<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/7529/3/Tese%20pdf>